

OS PILARES TEÓRICOS DA
PEDAGOGIA CRÍTICA:
CONCEITOS E IMPLICAÇÕES DE
MARX A GRAMSCI

THE THEORETICAL PILLARS OF CRITICAL
PEDAGOGY: CONCEPTS AND IMPLICATIONS
FROM MARX TO GRAMSCI

*Jhonathan Jarison dos Anjos de Oliveira*⁵²
*Gabriela Medeiros Marinho*⁵³

⁵² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: jhonathan.jarison@outlook.com

⁵³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba. Graduanda em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.

E-mail: gabrielamedeirosmarinho@hotmail.com

RESUMO

Tendo em vista a influência de tendências pedagógicas que buscam emancipar o indivíduo, levando-o a negar sua natureza e desvincular-se de qualquer herança do passado na tentativa de justificar o progresso em detrimento da desvalorização da verdade, sendo a instituição escolar a principal agente de propagação de uma filosofia, este artigo visa, através do método bibliográfico, esclarecer os pilares teóricos da pedagogia crítica. As linhas de pensamento expressas nessa tendência educacional partem do marxismo, seus pressupostos sobre a natureza humana e o conceito da práxis, passando pela escola de Frankfurt e sua teoria crítica, a influência dessa escola no movimento reconstrucionista, até que cheguemos a Antonio Gramsci e sua concepção de revolução cultural. Essa pedagogia ultrapassa os limites da teoria e atravessa o campo epistemológico, mas cruza também os campos éticos, econômicos, políticos e culturais, pois quando é posta em prática, influencia todas as esferas da sociedade, pois serve de veículo de divulgação ideológica. A avidez por transformar ao invés de conhecer põe o caráter principal da educação, que é a adaptação ao conhecimento legado em nulidade, formando homens que alçam-se deuses sedentos pelo futuro.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Pedagogia Crítica, Karl Marx, Antonio Gramsci.

ABSTRACT

In view of the influence of pedagogical tendencies that seek to emancipate the individual, leading him/her to deny his/her nature and to dissociate him/herself from any legacy of the past in an attempt to justify progress to the detriment of the devaluation of truth, being the school institution the main agent of propagation of a philosophy. Thus, through the bibliographic method, the objective of this article is to clarify the theoretical pillars of critical pedagogy, being one of them. The lines of thought expressed in this educational tendency start from Marxism, its assumptions about human nature and the concept of praxis, passing through the Frankfurt school and its critical theory, the influence of this

school in the reconstructionist movement, until we arrive at Antonio Gramsci and his concept of cultural revolution. This pedagogy goes beyond the limits of theory and crosses the epistemological field, but it also crosses the ethical, economic, political and cultural fields, because when it is put into practice, it influences all spheres of society, because it serves as a vehicle for ideological dissemination. The eagerness to transform instead of to know puts the main character of education, which is the adaptation to the legacy knowledge in nullity, forming men who rise up gods thirsty for the future.

KEYWORDS

Education, Critical Pedagogy, Karl Marx, Antonio Gramsci.

1. INTRODUÇÃO

Há tendências pedagógicas contemporâneas que buscam emancipar o indivíduo, levando-o a negar sua natureza e desvincular-se de qualquer herança do passado na tentativa de justificar o progresso em detrimento da desvalorização da verdade, sendo a instituição escolar a principal agente de propagação de uma filosofia. Durante o período da modernidade surgiram novos posicionamentos quanto ao âmbito educacional, as novas descobertas científicas, ideologias, filosofias e os diversos questionamentos diante dessas inovadoras teorias, surgiram novas problemáticas e variadas formas de lidar com as questões educacionais frente a elas, sendo uma delas a pedagogia crítica.

Tendo isso em mente, o objetivo desse artigo é esclarecer os pilares teóricos da pedagogia crítica. Conforme apresentamos seus princípios e como outros pensamentos para além do campo educacional interferiram no seu desenvolvimento, tal qual Karl Marx, a teoria crítica da Escola de Frankfurt e Antonio Gramsci. Ademais, visa-se evidenciar as implicações teóricas dessa tendência.

Através do método bibliográfico, desenvolver-se-á uma pesquisa com uma abordagem dedutiva ao analisar e compreender os princípios que regem a pedagogia crítica, tendo em vista as implicações educacionais, alegando a incoerência de sua filosofia. Assim, contatar a perspectiva reducionista dessa tendência pedagógica, tendo o objetivo de caráter exploratório.

O trabalho estrutura-se nos seguintes tópicos: em primeiro momento, Epítome à Pedagogia Crítica, posteriormente, Teoria Marxista e em sequência Escola de Frankfurt, Reconstrucionismo, Antonio Gramsci, Correlações e Implicações, encerrando com as Considerações Finais.

2. EPÍTOME À PEDAGOGIA CRÍTICA

A pedagogia crítica, dentre uma das teorias contemporâneas da educação, é um dos frutos da modernidade, conforme busca solucionar, de maneira definitiva, as problemáticas presentes em seu contexto que insistem em perdurar através dos tempos. Por meio de princípios inovadores propõe uma conjuntura educacional revolucionária e transformadora, na tentativa de responder às lacunas deixadas por uma educação redentiva e reprodutiva.

Um movimento educacional que herda do reconstrucionismo e se agrega a outros ideais teóricos de diversos movimentos, origina a tendência pedagógica crítica, de acordo com Knight (2015). A teoria reconstrucionista se desenvolve conforme as crises da década de 1930, marcada pela depressão mundial, regimes totalitários e ameaças à democracia, ao apontarem como principal problema a redistribuição de bens e alimentos. Nesse contexto, a ideia tradicional escolar de transmissão cultural é vista como passiva diante das problemáticas, e é abordada a proposta de um papel ativo das escolas e sua capacidade de liderar uma reforma social, para através do poder do conhecimento modelar uma nova ordem social baseada em um sistema econômico coletivista e princípios políticos democráticos.

Quanto aos outros movimentos teóricos que influenciaram este modo de pedagogia, há um relevante influência da Escola de Frankfurt, que aliada a cosmovisão marxista, do socialismo científico, utilizam conceitos iluministas para desenvolver uma teoria crítica acerca da nova sociedade ocidental, que transforma a cultura de dominação vigente em autonomia e emancipação, tendo Gramsci na elaboração de sua engenharia cultural através do poder das instituições ideológicas, sendo uma delas a escola estatal, busca tornar possível seu ideal comunista. Portanto, é com a sede por autonomia e denúncia da opressão do

sistema político que a pedagogia crítica começa a formar sua identidade.

A instituição escolar pode ser cobrada quanto a necessidade de integrar os indivíduos à sociedade, como também tornar possível o desenvolvimento pessoal para além da adaptação, de acordo com Machado (2002). A adaptação é entendida quanto a necessidade de inserção cultural tradicional, tornando o indivíduo capaz de se relacionar com seu meio, por exemplo ao aprender uma forma de linguagem para que ocorra diálogo. Essa integração do novo indivíduo também se dá nos aspectos mais básicos, como aprender a andar, comer e se relacionar com o meio externo. O desenvolvimento, em continuidade ao crescimento adaptativo, se trata da possibilidade do progresso, o que admite a capacidade criativa do ser humano para se aprimorar e inovar, criar novas tecnologias e superar seus limites.

É diante dessa tensão de propósitos que Machado (2002) categoriza diversas tendências pedagógicas em três grupos filisófico-políticos principais, sendo eles: (i) educação como redenção, (ii) educação como reprodução e (iii) educação como meio de transformação da sociedade. Esses três entendimentos dispõem de princípios que guiam a prática pedagógica, sendo a educação transformadora da sociedade abordada como base para expressão da pedagogia crítica.

A pedagogia crítica é uma reação a postura passiva e alienadora de outras perspectivas pedagógicas. Ela critica a educação redentiva que se detém a adaptação do indivíduo a sociedade, sendo a educação algo exterior a própria sociedade que trabalha para mantê-la e conservá-la de forma tal que não existe influência da sociedade para educação, mas somente da educação para a sociedade. Assim a educação seria capaz de redimir a sociedade conforme perpetua seus ideais. Entretanto, na busca por esse ideal, a pedagogia redentiva não proporciona a autonomia tão valorizada pela pedagogia crítica. Portanto, se assemelha ao que seria uma educação mais tradicional, a qual não percebe o valor da reflexão, não se volta para a diversidade de contextos, acabar por não exercitar a criticidade. Machado (2002) apresenta alguns dos princípios da educação redentiva consoante a educação tradicional.

São características gerais da abordagem tradicional do ensino a soberba pretensão de conduzir o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade – obras-primas da literatura e arte, aquisições científicas –, e dar ênfase a modelos já estabelecidos. Privilegiam-se o especialista, a didática uniforme e conservadora e o professor, elemento imprescindível na transmissão do conhecimento. (MACHADO, 2002, p. 45)

Sendo assim, a educação como redenção estaria priorizando a adaptação no lugar do desenvolvimento autônomo, conforme dá prioridade a aquisição de cultura através dos clássicos em detrimento dos contemporâneos, têm como fonte de conhecimento a figura de autoridade do professor limitando a criatividade no abrangente processo de construção de conhecimento dos alunos.

A educação como reprodução possibilita a interação direta da sociedade com a escola, se desenvolve diante das cobranças de seus contextos sociais, dependendo da demanda trabalhista e dos valores exigidos para otimizar o sistema produtivo vigente. Dessa forma, a educação reprodutiva tem uma abordagem mais objetiva, utilitarista e pragmática do propósito educacional. Ela é criticada, na perspectiva da pedagogia crítica, por se basear em princípios que servem para viabilizar a reprodução comportamental de acordo com as demandas de uma ideologia dominante.

A pedagogia crítica demonstra a problemática da educação como reprodução na sua ênfase adaptativa e falha tentativa de desenvolvimento, pois se trata de um desenvolvimento limitado pela demanda objetiva de determinado contexto social, o que o torna também adaptativo. Por outro lado, a proposta pedagógica crítica busca possibilitar a adaptação necessária para que ocorra diálogo com a sociedade e um indivíduo verdadeiramente capaz de se aprimorar.

A abordagem da pedagogia crítica compreende que para esse propósito se tornar real é necessário ter como base uma filosofia educacional totalmente diferente das utilizadas pela educação como redenção e educação como reprodução. Nesse pensamento, com a influência filosófica da teoria crítica e o clamor

do contexto social por uma nova postura política, os princípios da pedagogia crítica foram elaborados.

Em oposição às outras tendências pedagógicas até aqui mencionadas, a pedagogia crítica propõe um novo olhar para a educação. Diante das opressões do sistema, um dos principais aspectos dessas tendências é proporcionar uma educação libertadora e revolucionária; assim, a busca por liberdade e autonomia do aluno se torna prioridade e a figura do professor se dá apenas como mediador entre o aluno e a realidade da ser conhecida. Dessa maneira, a criatividade, individualidade e subjetividade são, na pedagogia crítica, importantes para combater a verdade imposta; logo, a instituição de uma verdade absoluta é questionada e se admite como necessária as variedades de percepção. Nessa dinâmica o aluno seria capaz de emancipar-se de um sistema que o limita e tornar possível o surgimento de uma nova realidade. Sendo a causa de todas suas dificuldades a estrutura social imposta, levando em consideração que tem como base a perspectiva materialista, a solução estaria em uma nova dinâmica de perceber e viver a realidade. Portanto, uma das mais importantes características da pedagogia crítica está no seu posicionamento ativo na sociedade, o desenvolvimento de um indivíduo crítico capaz de, no ato de apreender a realidade, conhecer-se, conhecê-la e transformá-la, tendo como prioridade a valorização método no lugar do conhecimento e a prática dessa filosofia política libertadora em todas as áreas da vida.

Sabe-se da importância das perspectivas de mundo na construção de uma ideia, de modo que os fundamentos dessas mesmas acabam por baseando-se nos fundamentos antes enraizados e ordenados no ser, sendo externados em formas de filosofia, filodoxia ou ideologia. Assumindo a importância dos fundamentos para essa construção, podemos conceber, a partir do que foi visto anteriormente, que grandes sistemas de ideias concebem o mundo de forma específica, ordem, realidade, natureza, ser humano; todos são moldados pela visão do cosmos, cosmovisão, do todo concebido. Por isso, definir a realidade toda a partir de seus termos é inevitável, e fundados estes alicerces, dadas as condições, podem perdurar e expandirem-se. Em Marx, nos salões da escola de Frankfurt, Antonio Gramsci e em alguns pensadores modernos, podemos notar alguns pilares de pensamento que perduraram, desaguando em uma pedagogia, um modo de conduzir a alma, a pedagogia crítica que é a

perspectiva a qual exploramos, que nutre-se também dessas influências, feito que em suas bases estão expressos princípios, princípios estes que são primordiais na compreensão da prática pedagógica da pedagogia.

3. TEORIA MARXISTA

3.1 MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO

Essa é uma das bases estruturais do pensamento marxista, a ideia de que há uma unidade explícita e um fim observável no enredo do mundo, de que existe um movimento total da história, e ele acontece no campo da matéria, de modo que o sentido da história não está mais fora do alcance, e sim presente exclusivamente no mundo sensível, na matéria. A este postulado foi dado o nome de materialismo histórico. Esse processo histórico é movido por um fator constante e único, a luta dos seres humanos para apropriarem-se dos recursos naturais a fim de transformá-los. O fio que conduz a história humana é a história processual de transformação da natureza através de uma técnica, do trabalho, sendo a história o resultado de um conflito de interesses puramente econômicos.

Acrescenta-se a isso uma forma dialética de conceber a realidade, onde a história é completamente dinâmica e as oposições ocorrem a todo momento, para apropriarem-se da natureza os homens se opõem uns aos outros, classe contra classe, com o intuito de utilizar a matéria para transformá-la conforme for conveniente. O homem ao usar a matéria transforma-a, fazendo com que ela deixe de ser uma coisa e torne-se outra, a manipulação do homem sobre a instabilidade da natureza promove a transformação tanto dela, como a de si próprio. Essa relação constante do homem com o a realidade a fim conhecer a realidade e a si mesmo, é uma imparável dialética.

3.2 A NATUREZA DO HOMEM

O homem é, com a natureza, parte dela, considerando que o sentido da história se dá na materialidade e que a matéria é tudo o que existe, o homem não é dotado de uma alma imortal e nem

foi criado por alguma força espiritual que transcende o mundo, ele é um tipo de matéria prima do processo histórico, que desenvolve-se e conhece-se na medida em que age na natureza utilizando o trabalho para transformá-la. Erich Fromm (1962) em seu livro *Conceito marxista de homem* diz:

[...] o homem é, por assim dizer, a matéria prima humana que, como tal, não pode ser modificada, tal como a estrutura do cérebro tem permanecido a mesma desde a aurora da história. Contudo, o homem *de fato* muda no decurso da história: ele se desenvolve, se transforma, é o produto da história; assim como ele faz a história, ele é seu próprio produto. A história é a história da auto realização do homem; ela nada mais é do que a *autocriação* do homem por intermédio de seu próprio trabalho e produção: “*O conjunto daquilo a que se denomina história do mundo não passa de criação do homem pelo trabalho humano e o aparecimento da natureza para o homem; por conseguinte, ele tem a prova evidente e irrefutável de sua autocriação, de suas próprias origens.* (FROMM, 1962, p. 35-36)

Dessa forma, admitindo uma relação dialética no conhecimento de si mesmo e da realidade, somada a uma atitude livre da alienação na transformação da matéria, podemos dizer que o homem é um ser da práxis. Segue a definição do *dicionário do pensamento marxista*:

Marx refere-se a sua posição a respeito como uma unidade de naturalismo e humanismo. Naturalismo é a visão de que o homem é parte da natureza. Ele não foi criado por uma entidade espiritual transcendental, mas é o produto de uma longa evolução biológica que, em certo ponto, inicia uma nova forma específica de desenvolvimento, a história humana, caracterizada por uma maneira de agir autônoma, autorreflexiva e criativa: a PRÁXIS. O homem é, portanto, essencialmente um ser da

práxis. O humanismo é a concepção de que, como ser da práxis, o homem tanto transforma a natureza como cria a si mesmo: adquire um controle cada vez maior sobre as forças naturais cegas e produz um novo ambiente natural humanizado. (BOTTOMORE, 1988, p. 440)

3.3 PRÁXIS TRANSFORMADORA

A práxis é o meio subjetivo pelo qual o homem através do seu pensamento, que já é automaticamente um projeto de ação livre, universal, criativa e essencialmente autocriativa, interfere na realidade a ser transformada; esse contato com a matéria é o meio pelo qual o homem produz e transforma seu mundo, e único modo de se obter conhecimento (BOTTOMORE, 1988). Essa fusão uma da teoria e da prática na prática, admite que o único modo de se obter conhecimento é através da práxis, onde aquilo que é ferramenta de transformação só pode ser compreendido na medida em que é usado. Sendo o homem e a natureza partes desse movimento dialético e dinâmico da história, o homem só conhece a natureza ao usá-la, assim como só conhece a si mesmo na prática da práxis. É o homem tomando verdadeira consciência de si mesmo através da ação na natureza e do trabalho.

Ao mesmo tempo em que o pensamento dialético aborda a tensão ontológica entre a realidade e o que a realidade deve ser, este pensamento decorre da prática concreta. (MARCUSE, 1991, p. 133).

É importante frisar que, para o homem essencialmente da práxis, aquilo que é aparente é sempre matéria de produção e transformação e apenas isso, e ao invés da compreensão do objeto através de uma investigação científica e da contemplação da essência de cada coisa, é preferível a ação transformadora sobre os objetos, os quais só podem ser conhecidos através da dinâmica da práxis pelo que podem vir a ser, e não pelo que são.

O conceito de práxis, diferente de uma análise acurada das estruturas econômicas e da influência da ação humana no movimento histórico sobre elas, é uma filosofia materialista

moderna, feito que a partir dela é possível desvelar e conhecer a totalidade daquilo que existe. Sendo uma teoria da ação prática na prática, não pouca a sua atenção na investigação do objeto, mas apenas com a capacidade de transformação dele, negando o corpo ontológico da matéria que estaria ao alcance do conhecimento investigativo humano, substituindo-o pela dinâmica da fluidez individual da essência de cada matéria-prima que será pressionada pelo ato.

Por fim, podemos dizer que a práxis é a síntese entre a ação humana e a presença mutável da realidade como matéria-prima, de modo a levar o homem a sua realização maior, a verdadeira consciência de si mesmo e num movimento duplo, o conhecimento da realidade na atividade revolucionária.

4. ESCOLA DE FRANKFURT

4.1 TEORIA CRÍTICA, EMANCIPAÇÃO E AUTONOMIA

Alguns pressupostos de Marx precisaram ser reexaminados na teoria crítica: o conceito de metanarrativa histórica foi abandonado e a relação entre teoria e prática precisou ser repensada, tendo em vista que a previsão de que o proletariado seria, através da práxis o agente da revolução, da transformação, usando a linguagem da teoria crítica, os proletários seriam os portadores da emancipação, se mostrou falha, se vendo forçados a reformular alguns diagnósticos acerca da realidade. Ainda assim os teóricos críticos aceitaram a crítica geral de Marx ao espírito do capitalismo (KNIGHT, 2015).

Os frankfurtianos perceberam que o proletariado já estava diluído no capitalismo, iludidos pela moral judaico/cristã, pelo direito romano e pela filosofia grega de modo que a força proletária não podia ser a força contraditória econômica a ser explorada para ordem revolucionária. A procura por contradições econômicas internas no capitalismo deu à luz à dialética negativa, que deu nome ao livro de Theodor Adorno (1903-1969).

A dialética negativa é uma ferramenta que consiste em ser uma crítica a razão burguesa iluminista e, pela negatividade dialética, criticar a razão (uma razão agora instrumentalizada) usando a própria razão. Esse movimento seria responsável pelo esclarecimento e, conseqüentemente, pela emancipação do

indivíduo frente às amarras do mundo num processo de desencanto acerca da natureza e do ser, superando o mito em direção a autonomia.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido o objetivo de livrar os homens do medo e de investilos na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber [...] O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p-p. 17-21).

A crítica sem limites a racionalidade instrumental do ocidente, que seria a grande causadora da perda de autonomia do indivíduo, é a base principal da teoria crítica desenvolvida pelos estudiosos da escola de Frankfurt, em lugar da violência do proletário. A teoria crítica, em análise ao sistema capitalista ocidental, pretende fazer emergir e superar os seus problemas e contradições mais ocultos e fundamentais, apontando para o desenvolvimento de uma sociedade sem exploração, tendo em vista uma mentalidade revolucionária acerca da liberdade, autonomia e emancipação do indivíduo, livrando-o do estado de barbárie.

Dessa forma pode-se compreender a teoria crítica e a dialética negativa como uma espécie de acentuadores de um mal, não mal metafísico, mas mal em relação a tudo aquilo que é degradante em todas as relações e estruturas sociais, com o intuito de extinguir qualquer modo de dominação e opressão, reconstruindo a realidade através de uma transformação social.

5. RECONSTRUCIONISMO

O reconstrucionismo social como movimento educacional apropriou-se bem dos *insights* teóricos anteriormente falados, a contra socialização cultural, a luta pela justiça social, a expansão das compreensões democráticas de mundo em busca de práticas críticas com finalidades emancipadoras, se tornaram o ímpeto do movimento no desígnio de esculpir uma nova ordem social através da reforma escolar, instituição que prescreveria as transformações necessárias a realidade.

Seu esquema básico de proposições baseia-se no fato de que o principal objetivo da educação é reconstruir a sociedade para resolver a crise cultural e social da era atual. Portanto, todo o sistema educacional deve reinterpretar os valores essenciais da civilização de acordo com o novo conhecimento científico disponível. (YOPO, 1971, p. 22).

O reconstrucionismo também herda alguns dos aspectos da filosofia progressista, representada na América por John Dewey, de modo a ser postulada como, talvez, a etapa seguinte do progressivismo, a base filosófica do pragmatismo de junto com o conceito de ação pragmática da práxis marxista, é justamente o que aproxima a pedagogia crítica de um outro teórico muito importante na expansão desse modo de educar, Antonio Gramsci.

6. ANTONIO GRAMSCI

6.1 REVOLUÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO

Esse teórico não foi especialmente influente na construção das bases da educação crítica, mas por suas críticas ao poder do estado, a opressão cultural e a educação, foi onde a pedagogia crítica encontrou o ribeiro o qual expandiu seus fundamentos. As reformulações de Antônio Gramsci do marxismo clássico, transverteu a estratégia leninista usada na tomada de poder através de uma frente que, forçadamente denominavam-se

os representantes do proletariado, em uma estratégia menos violenta e mais persuasiva aos países ocidentais.

Porém, no momento em que constatou o fato histórico de que a estratégia marxistaleninista de tomada do poder, recém-vitoriosa na Rússia, não teve êxito nos países europeus (entre 1921 e 1923 na Alemanha, Polônia, Hungria, Estônia e Bulgária), de economia capitalista e de sociedade democrática, passou a considerar outro modelo revolucionário. Fez assim, a distinção entre sociedade "oriental" e sociedade "ocidental", compreendendo que a "*transição para o socialismo*" teria que ter concepções diferentes numa e noutra condição político-social. (COUTINHO, 2011, p. 10)

A diferença principal entre as estratégias tenha sido a ordem do estabelecimento do plano, a estratégia leninista previa a chegada ao poder através da força e então estabelecer a hegemonia, e a estratégia Gramsciana tratava de inverter essa ordem, de modo que a tomada do poder, da administração do Estado, se daria pelo estabelecimento primeiro da hegemonia, do domínio psicológico. A estratégia consiste na troca da força bruta pela aceitação popular natural, de modo que as pessoas tornar-se-iam socialistas, mesmo sem saber que o eram. As ideias da teoria crítica sobre autonomia e despertar de consciência crítica pairavam paralelamente os pensamentos de Gramsci, como escrito em seus *Cadernos do cárcere*:

Quando a concepção de mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens massa, nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra[...]. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torna-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar toda filosofia até hoje existente na medida em que ela deixou vestígios

consolidados na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, insto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico[...] (GRAMSCI, 1975, C.11, p. 11)

O conceito estratégico de Gramsci se passa na sua principal categoria, a Sociedade Civil, que é, segundo ele, o palco armado onde acontece o exercício da hegemonia. É na sociedade civil que serão travadas as lutas ideológicas pela garantia da supremacia intelectual e moral das classes subalternas sobre a classe dominante. Os aparelhos hegemônicos privados, que são instituições sociais, partidos, corporações, igrejas, escolas, etc. entram em combate direto para reprimir o senso comum, que são os costumes e tradições da comunidade aceitos através da adaptação cultural, para promover entre as massas uma consciência de classe.

As escolas em especial, podem ser vistas como uma entidade que participa ativamente do processo de transformação social, sendo ela que primariamente difundem o conhecimento seletivo objetivo, os valores e habilidades de uma classe dominante. É a escola que fortalece a percepção da adaptação cultural como parte da ordem natural das coisas. O conflito entre as ideologias do senso comum e as reformas que elas deveriam sofrer eram um caráter problemático a ser resolvido por uma transformação radical*, porém, processual; Através de uma pedagogia da práxis, um modo de educação que em seus fundamentos estivessem presentes a transformação social, a luta política contra-hegemônica constante, práticas críticas a fim de promover autonomia do homem livrando-o da opressão. Gramsci sobre a pedagogia diz que:

Este problema pode e deve ser aproximado da colocação moderna da doutrina e da prática pedagógicas, segundo as quais a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vinculações recíprocas, e que, portanto, todo professor é sempre aluno e todo aluno, professor. Mas a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolares”, através das quais as novas gerações entram em contato

com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, “amadurecendo” e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Essa relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. (Gramsci, 2001, C 10, § 44, p. 399).

Para Gramsci, a escola era um componente instrumental principal de difusão dos valores e normas da ideologia marxista, onde a sociedade proletária seria criada antes, e não depois da tomada de poder. É aí onde convergem os interesses da pedagogia crítica com a revolução cultural, além das aproximações teóricas no conceito de práxis, do pragmatismo, dá-se a conveniência da possibilidade de ação transformadora através das instituições escolares.

7. CORRELAÇÕES E IMPLICAÇÕES

O nexos entre o conjunto de ideias tratados até agora guiamos até algumas conclusões ordenadas que mostram-se implicadas no espírito prático da pedagogia crítica, diante das conceituações até aqui levantadas podemos considerar que o cerne emergente da questão é a maneira com que esse modo de educação lida com a natureza humana, e com a natureza da realidade, gerando então uma cadeia de problemas fundamentais acerca do relativismo do conhecimento objetivo, relativismo moral e sobre o lugar e papel do homem frente a realidade, que é o de subjugá-la a força da transformação. Sendo assim, visualizemos a seguir de que maneira a pedagogia crítica absorve e externa essas ideias.

A crença de que a matéria é a totalidade do ser, de modo a anular todos os princípios ontológicos da realidade imanentizando-os na natureza, apresenta para nós uma perspectiva de homem, o homem como um produto da natureza e nada mais, sendo objeto da própria ciência. Para Nancy Percy

(2000), nesse cenário naturalista, o ser humano tornou-se mais um objeto de estudo, subordinado às leis naturais e manipulável como um tubo de ensaio. Sendo assim, conceitos como alma, essência, sentido, verdade e o vislumbre de qualquer responsabilidade, que fixam a essência do homem para além da matéria e de si mesmo, foram negados, o que parece contraditório frente ao objetivo de lidar integralmente com as necessidades do ser humano, entendendo a totalidade de suas individualidades. E porque esses conceitos foram negados tornam-se completamente fluidos, e sem um parâmetro objetivo para construí-los pode-se construir sentidos e verdades a partir da apreensão subjetiva da realidade, possibilitando a liquidez da verdade, valores e a escorrência da vida. Nesse sentido, os valores éticos são relativos ao ambiente, época, classe social, religião e regime político que se está inserido; outra resultante seria a incapacidade de para afirmar o que é justo ou injusto ao partir das proposições materialistas. Em contraponto à educação crítica, a educação redentiva mantém o status ontológico do homem como dotado de uma essência que transcende a mera materialidade, enquanto o conhecimento da realidade para os materialistas é tem um caráter fluido, existe na educação redentiva algo que dá unidade essencialmente a todas as coisas e ao homem, diz Pearcy (2000):

Os cristãos conhecem esse “algo” como alma, ou *o imago Dei* - a imagem de Deus em nós. Por causa da doutrina da Criação, sabemos que a vida tem valor. Sabemos que a vida está enraizada em algo além de tubos de ensaio ou átomos que colidem, mesmo com todas as vozes ao redor dizendo o contrário. (PEARCY, 2000, p.163)

O que contribui principalmente para os indícios da relativização do conhecimento no marxismo é a perspectiva dialética de mundo, que somada ao materialismo, reforça a sua ideia. Tudo é matéria e está em constante movimento e mudança. Dessa forma, nada que existe tem grau algum de estabilidade, pois por serem compostos apenas de materialidade perdem sua unidade essencial que torna cada objeto o que ele é, tornando impossível que se conheça algo objetivamente nessas dimensões. Isso implica dizer que nós nem mesmo nos conheceremos amanhã ou depois, pois sendo o humano apenas parte da natureza está

condicionado a estas mudanças dinâmicas. Não podemos saber quem somos pois não há algo que defina geralmente a matéria de fundo.

Mas sabemos que as coisas têm seu caráter de mudança, pois o que caracteriza a realidade debaixo do tempo é o devir, não significa que a mudança acontece de modo tal que elas não sejam mais as mesmas essencialmente. É apenas um estado de passagem. O materialismo dialético ao perder esse senso de unificação dos objetos materiais também perde o senso de unidade do conhecimento com o tempo, de modo que o que se conhece hoje provavelmente não é a mesmas coisas que eu conhecerei amanhã, por mais que sejam as mesmas coisas. Isso está fundamentalmente implícito no conceito de educação crítica implicando na formação de percepção e da realidade, guiando o homem para um lugar onde ignora-se o conhecimento por ser impossível de adquiri-lo, e em lugar dele parte-se para a ação, para a práxis.

A práxis então seria a única forma possível de se adquirir conhecimento, conhecimento que só viria através da transformação da natureza, da realidade. O movimento dinâmico constantemente nos permite progressivamente conhecer o caráter mutável das coisas, e esse ímpeto transformador é o princípio fundamental para a reforma da realidade, que é completamente plástica e moldável pelo trabalho humano. Isso implica dizer que, na educação, só se conhece ao agir sobre o objeto, é preciso uma ação transformadora, uma práxis, para que tal objeto possa vir a ser conhecido, sempre de modo subjetivo. Levando todas essas coisas em consideração para o entendimento das práxis é impossível atestar mentiras ao marxismo, feito que a verdade está no processo, e o processo é dado pela práxis, e a práxis é aplicada especificamente no presente, por consequência a única verdade objetiva é o que é agora transformado, a verdade está dentro das ações do homem na práxis, a prática transformadora é o substituto da verdade no marxismo, pois o movimento dialético é tudo o que existe.

A práxis ainda, é um ensaio a autonomia, quando por meio dela é criado tudo que é verdadeiro no homem e na realidade, a partir dela [a práxis] o homem atinge um potencial criador onde o homem deve o seu existir à graça de si mesmo que é construída pela práxis, sobre isso Percy (2000) fala:

O objetivo final de Marx era a autonomia. Ele escreveu: "Um ser só se considera independente quando for auto-suficiente; e ele só será auto-suficiente quando dever sua existência a si mesmo". Porém, uma pessoa não pode ser independente se é a criação de um Deus pessoal, pois então "ele vive pela graça de outro". Assim, Marx estava determinado a tornar-se o seu próprio mestre, um deus para si. [...] Em outras palavras, na vida real é óbvio que não somos completamente autônomos. Não criamos a nós mesmos, e não podemos existir completamente por nós mesmos. (PEARCY, 2000, p.285 – 286)

O caráter autônomo da práxis nos leva diretamente a teoria crítica, que tem por objetivo dar o dom da autonomia ao homem, emancipando-o. A partir da crítica a razão objetiva instaurada o homem superaria a barbárie, construindo seu próprio conhecimento que o libertaria da opressão. Mas o poder da crítica a tudo o que existe dado a cada indivíduo coloca a razão individual por juiz da realidade, transformando o ser humano de imediato em algum tipo de ser que pousa acima da própria humanidade, o qual não se pode ser examinado ou cobrado, e livre de qualquer responsabilidade social, ética ou moral, instigado pela construção individual da razão de acordo com os moldes que há nele mesmo. A teoria crítica nos leva a apreender a realidade através dos olhos do outro que a enxerga subjetivamente, onde cada outro é um universo distinto. Essa seria a libertação da barbárie, o esclarecimento, a emancipação. É notável os impactos desse pensamento na sociedade ocidental, o ímpeto a criticar tudo aquilo que se conhece, a ter uma educação crítica e reflexiva remetem diretamente a teoria crítica, e ela está impregnada na prática pedagógica da educação crítica.

O reconstrucionismo recebe por herança toda essa carga de subjetivismo e imanentismo, e através delas propõe a construção de uma nova ordem social, que seria efetivada pelas instituições escolares, desde o berçário até a universidade o estímulo tanto individual, mas principalmente curricular, seria o de reordenar a realidade, buscando a justiça social, a emancipação individual. Essa simbiose de conceito soma-se ainda a visões de subjetividade do conhecimento, insinuadas pelo pensamento

marxista acerca do conceito de práxis e natureza, onde a natureza é apenas o cenário histórico a ser modelado pela práxis, atrelando-se automaticamente a visão dialética de mundo. A práxis imprime de imediato um caráter pragmático quando diz que apenas a ação é capaz de revelar o que é verdadeiro, sobre o pragmatismo Pearcy (2000) diz:

Essas suposições conduziram ao pragmatismo, uma filosofia que diz não haver verdades transcendentais e imutáveis, mas somente estratégias pragmáticas para conseguirmos o que queremos. Aplicando essa filosofia, Dewey propôs uma teoria educacional que acentuou o processo em detrimento do conteúdo. As crianças não deveriam ser ensinadas a respeito de fatos e verdades; elas deveriam ser ensinadas a como conduzir um processo de investigação. (PEARCY, 2000, p.393)

As raízes marxistas do pragmatismo presentes no progressivismo de John Dewey, que também serviu de fundamento para o reconstrucionismo, foi o motor para que esse movimento encontrasse verdes pastos na revolução cultural de Antonio Gramsci. Ele é o teórico que vigora o que em Marx apenas estava implícito, assumindo que a única verdade é a que é dada pela práxis, e que todos os valores, sentido estão submissos a moral que a revolução precisa impor.

A pedagogia crítica, como vimos, carrega em si um arsenal materialista que têm por intenção principal o de reformar a realidade através da transformação social e reformas institucionais, e está carregado de relativismo e subjetividade. Visando a sociedade ideal, a ação constante na realidade em forma de movimento político ou ideológico é o que constrói um futuro dito exultante. Essa pedagogia ultrapassa os limites da teoria e atravessa o campo epistemológico, mas cruza também os campos éticos, econômicos, políticos e culturais, pois quando é posta em prática, influencia todas as esferas da sociedade, pois serve de veículo de divulgação ideológica. A avidez por transformar ao invés de conhecer põe o caráter principal da educação, que é a adaptação ao conhecimento legado em nulidade, formando homens que alçam-se deuses sedentos pelo futuro.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordamos até aqui, podemos perceber os princípios que baseiam a pedagogia crítica, seu contexto filosófico e político, e a busca por conciliar o propósito adaptativo e progressivo da educação. Contudo, observamos que nessa caminhada ela coloca como prioridade a transformação justificando o progresso educativo, como também do todo social, e desvaloriza a necessidade da adaptação.

Entre os fundamentos da pedagogia crítica, elencamos a influência do pensamento marxista quanto a realidade materialista, a natureza do homem e como ambas são apresentadas de maneira inseparável, pois o homem faz parte da realidade material e é limitado por ela, e são apresentados uma resultante de suas interações sem que exista outro fator externo que interfira nesse processo ou alguma autonomia no indivíduo para pensar em algo além da estrutura material. É nesse momento que começamos a perceber a frágil autonomia a qual a pedagogia crítica reivindica.

Diante das problemáticas até aqui levantadas fica claro que há complicações com os fundamentos da pedagogia crítica que dizem respeito a natureza humana, ao conhecimento e o fim do homem e da realidade. E que em contraponto à mentalidade marxista, materialista, naturalista, podemos persistir na existência de uma essência transcendente, de modo a elevar-nos acima das superestruturas materiais das relações econômicas e sociais, das metanarrativas históricas, assumindo o ser humano como um ente dotado de alma, e a realidade como uma criação divina, de modo a conduzir os problemas da realidade a fins mais últimos que a autonomia ou a revolução. Portanto, como propõe Nancy Pearcey (2000), a meta educacional deveria basear-se de antemão em princípios capazes de inibir a maledicência humana, e tais princípios não se encontram na imanência do mundo, mas na sabedoria das leis eternas.

Por fim, o objetivo anteriormente estabelecido foi alcançado, visto que foram apresentados os pilares da pedagogia crítica, de modo que expomos seus princípios e principais teorias de influência, como também as implicações dessa tendência nas diversas esferas da sociedade e na perspectiva do indivíduo, assim concluímos essa abordagem da pedagogia crítica demonstrando a

necessidade de um olhar atento diante de sua presença nas rotinas escolares.

Nessa conjuntura, somos comissionados a ser agentes da restauração da criação, compartilhando não tão somente da graça salvadora, reafirmando a necessidade de redenção definitiva em Cristo, como também através da graça comum não negligenciando a mente e o desenvolvimento de uma sociedade para a glória de Deus.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; M, HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

COLSON, Charles; PEARCY, Nancy. **E agora como viveremos?** 1ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COUTINHO, Sérgio A. A. **Revolução gramscista no ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Ombro a ombro, 2002. 97p. Disponível em: <http://www.forte.jor.br/wp-content/uploads/2016/03/Sergio-Augusto-de-Avellar-Coutinho-A-revolucao-gramscista-no-Ocidente.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Introdução ao Estudo da Filosofia, v. 1) Disponível: https://static.fecam.net.br/uploads/1521/arquivos/1349633_gramsci_cadernos_do_carcere_vol_i.pdf. Acesso em: 20 maio. 2020.

KNIGHT, George R. **Filosofia & educação: uma introdução da perspectiva cristão**. Tradução Amilcar Gröshel Jr. 5. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress - Imprensa Universitária Adventista, 2015.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo**: muito além da riqueza e da diferença. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARCUSE, Herbert. **One-dimensional man**: studies in the ideology of advanced industrial society. Beacon: Press, 1991.

YOPO, Boris. Educación y desarrollo: cultural, econômico, político e social. **Reunión Técnica Internacional**. Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas de la OEA, IICA Zona Norte, Guatemala, México, 1971. (Publicación miscelânea, n. 87) Disponível em: <https://books.google.com.br/books> Acesso em: 20 maio 2020.